

## O AMOR DA PATRIA

Meninas, não sois ainda cidadãs, mas desde pequenas deveis amar, honrar e servir a vossa patria, que é o paiz onde nascestes. Em quasi toda a parte se cuida em assig-nalar com lapidas ou padrões os sitios celebres, ou restaurar as ruinas de edificios historicos, e em perpetuar na tradição pelo livro, ou pela estampa, tudo que possa avivar brios nacionaes. Na Europa, diz um escriptor que temos presente, as classes medias de intelligencia conhecem a historia da sua terra e teem os monumentos como reliquias venerandas de familia, basta abrir um guia n'alguma hora distrahida em caminho de ferro, basta conversar meia hora com um visinho casual de plateia de tramway, para perceber que todos mais ou menos pensam nos heroes que defenderam a sua terra, nos poetas, nos sabios, nos pensadores, que a illustraram, nos artistas que a tornaram conhecida e sym-pathica, nos monarchas *hors-ligne* que souberam vincular o seu nome á sua era.

Para o francez, para o inglez, para o allemão, é o passado grandissimo espelho, onde a geração actual vai reconhecer-se nas feições dos avoengos, e esse elo entre o que foi e o que é, toda essa corrente de amor e intelligencia, que atravessa do passado para o futuro é o enthusiasmo santo que se chama o amor da patria, é o mais seguro fiador de independencia e da civilisação.

A. E. PITTORESCA.

## NOTAS UTEIS

Entre as benemeritas senhoras que se tem dedicado á causa da instrucção da mulher popular, notamos Maria Helena d'Athougua a Almeida, fundadora da Associação de protecção e instrucção do sexo feminino funchalense, tendo por fim o ensino complementar e profissional das filhas das associadas, e concede tambem as proprias socias juz e frequentarem as escolas da sociedade.

Esta associação conta para mais de 300 socias; acha-se consolidada solidamente, e em todas as partes encaminhada, sendo optimas as vanta-gens obtidas.

\*\*

Em França, Eliza Lemonier digna tambem de menção pela iniciativa que tomou no estabelecimento de ensino profissional para as mulheres. Vendo em Paris a miseria das classes pobres e impressionada pela falta de habilidade das mulheres que trabalhavam nas officinas, come-çou a pensar no modo de remediar a este mal, e, depois de diversos ensaios, conseguiu crear a Sociedade de protecção materna que mais tarde transformou-se em escolas profissionais, por Madame Desfaure, d'onde saem educadas annualmente, para ganharem a vida e serem uteis á patria *tres mil mulheres*.

## ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTEBRARIA E EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALLIA EMILIA FRANCO

PAGAMENTO POR SEMESTRE	PREÇO DA ASSIGNATURA, 58000 POR SEMESTRE Endereço: Largo do Aroucho, 48	NUM. AVILSO Rs. 15000
------------------------	--	--------------------------

## MARIA SANTISSIMA

Ao poema immortal do divino martyr do Golgotha, en-trelaça-se o nome poetico e suavissimo de Maria. Depois do de Jesus, o seu nome é o maior e o mais vivo esmalte da historia do christianismo, o seu prestigio attingiu as culmi-nancias d'uma apothecose a qual ninguem antes nem depois alcançou. Tudo quanto a admiração e o amor podem inspirar de mais commovido e solemne, irradia da sua formosissima imagem, profundamente estampada pela fé no coração dos simples e dos bons.

O doce nome de Mãe modelado pelo amor, e retempe-rado pela bondade, que com razão lhe deram os catholicos, synthetisa a união da christandade sem odios de rivalidades e a constituição amavel de familia universal.

Onde quer que a invoquem apparece em toda a pleni-tude da sua grandesa, nas torrentes de graças com que in-nunda os corações desconsolados e abatidos, aos quaes levanta e fortifica. Maria Santissima, exemplifica uma das maiores e providentes consolações, que Deus poderia ter concedido aos párias, aos infelizes e despresados. O seu culto todo baseado na pureza do coração e na caridade universal, eleva a alma crente e fervorosa á contemplação das magnificencias do Creador, e arrebatá-a em extasis do extremo da terra, aos aditos do infinito. Quantos, aos effluvios das suas graças di-

vinas, não esquecem as glórias fictícias, os falsos esplendores mundanos e as mentidas reputações de vaidosas grandezas, para se absorverem nas puras chammas d'essa religião sublime que allumia e esclarece aos fortes e aos fracos e humildes?

Para aquelles que sinceramente a imploram, quer vagueem na extensão dos mares, na vastidão dos desertos, ou na immensidade da terra, é sempre a estrella propicia que os guia allumiando-lhes os agros e escabrosos caminhos da vida.

E' ella o doce refugio, onde os desolados vão buscar a paz e o conforto, é o asylo querido e inacessivel, onde os desamparados e humildes esperam encontrar a clara e serena luz da eterna justiça. Com o imperio suavissimo do amor tem até hoje governado o mundo da christandade, subjugado o sceptro dos reis, e as espadas dos conquistadores.

Alma de eleição, alma primorosa que imunda o mundo com a fama da sua gloria, e de cuja vida exemplarissima se tem extraído aperfeiçoamentos de harmonias sem limites.

Eil-a n'uma das phases da sua vida: «E' a figura da suprema dor, exclama D. Antonio Costa, velada com a suprema resignação, juncto a uma cruz onde lhe estão assassinando o filho; e sem um signal de impaciencia no rosto, na simples contemplação do sacrificio; ferida no coração mas heroica diante dos seculos; mulher que ficou sendo um symbolo para as nações, grito de vida em todas as mães, pedido de soccorro de todos os naufragos, invocação de esperança de todos os opprimidos». Nos fastos do catholicismo a historia dos seus illimitados beneficios, é toda ella uma epopea de acontecimentos maravilhosos.

Aqui, é a mãe desvelada n'uma desolação sem fim, ao vêr o filho estremecido, objecto de todos os seus cuidados na immobilidade assustadora, ou na violenta agitação da ultima agonia. A pobre mãe, na sombria evolução da sua dor tão implacavel como impiedosa, perdeu todo o vislumbre da derradeira esperança que lhe restava na terra; então por um

impulso phrenetico do coração, entre lagrimas e soluços, volve os olhos para o céu e chama em seu auxilio; a doce Mãe dos desamparados, com toda a vibrante intensidade da sua fé... O que succede? O moribundo para quem toda a sciencia humana fôra impotente, escapa á morte inevitavel, e a victima que se lastimava na sua dor, sorri-se docemente ante o inesperado prodigio. — Alem é o criminoso cego no declive fatal do vicio, agitado por odios ferinos e por coleras concentradas, que as preces ferventes, dirigidas a Virgem, por uma mãe, esposa ou filha querida, volve subitamente do abysmo do crime ao caminho da virtude. Mais alem, o desgraçado, a quem fugiu para sempre, pela negra traição a confiança plena e doce d'um amor recompensado e feliz, ou que vê a sua virtude calumniada e a sua honra coberta de baldões, emfim n'um desses infortunios que revestem as formas de verdadeira tragedia; o infeliz ao travar o punhal assassino com o qual espera pôr termo á sua incomportavel dor, sente de repente, sem que possa definir, um quer que é de incoercivel e de mysterioso...

Perpassa-lhe pela mente a imagem piedosa e crente da mãe querida, que outr'ora o ensinava a orar junto ao altar onde a Mãe de Deus sorri resignada e triste; inconscientemente balbucia essa prece, que no seu scepticismo ha tantos annos esquecera.

Sustem-se; deixa cahir a arma mortifera, e pouco a pouco sente apagar-se a intensidade insupportavel d'aquelle infortunio consolado, que converte-se em resignação.

Estes e outros exemplos refulgem por toda a parte, se a historia toda do christianismo não é um exemplo. A sua gloria desde tantos seculos não tem soffrido a menor quebra, antes é sempre renovada, e o seu nome será sempre invocado e querido, emquanto existir sobre a terra um coração que sinta, e uma alma que creia... E' este o mez que a igreja consagra ás festividades, de Maria Santissima; nos seus altares brotam e florescem mimosas e viridentes as palmas e as flores, dos mais sinceros e puros affectos, de veneração e de honras que se elevam dos corações em hymnos de contentamento.

O' eleita de Deus, ó dulcificadora das humanas lagrimas accetae tambem este humilde tributo da minha sincera homénagem; e vinde rasgar as trevas do nosso espirito, e destruir essas rivalidades mesquinhas, que nos separam e dividem sem razão, para que se cumpra entre nós a grande palavra; Gloria a Deus, paz e amor entre os homens.

S. Paulo, 26 de Maio de 1898.

ANALIA FRANCO.

## A INSTRUÇÃO OBRIGATORIA

No actual periodo de tentativas de esforços, de criação e conglomeração de forças, a reforma e aperfeiçoamento da instrução publica tornou-se um dos problemas que mais preoccupa a attenção das nações dignas de tal nome. Quasi por toda a parte decretam-se regulamentos, programmas e portarias manifestando-se sob diversas formulas os symptomas de uma reacção salutar, tendo por fim promover activamente a reconstituição mental dos individuos.

E' desgraçadamente incontestavel que os resultados d'essa cruzada contra o flagello da ignorancia popular, tem sido até hoje insufficiente para prevenir o mal e promover o bem. E' que a questão não está no decretamento de providencias palliativas, está na seriedade do assumpto, e na verdade pratica d'elle, como bem diz um escriptor notavel. « Glorifica-se a instrução com os labios, e é deslembada com as obras » Realmente é lastimavel a desproporção enorme, assombrosa, extraordinaria da quasi totalidade do povo que jaz submersa no limbo tenebroso da ignorancia. E, se como se diz, não ha ninguem menos curioso de saber do que aquelles que tudo ignoram, um povo na maxima apathia, e na suprema irreflexão e imprevidencia desconhece, ou, o que vale o mesmo, não quer saber, que a instrução, o bom procedimento e a sobriedade são as garantias mais solidas da sua felicidade,

e que o seu primeiro dever é assegurar a sorte dos filhos, instruindo-os e inspirando-lhes amor á ordem e ao trabalho. afim de que elles lhes proporcionem amparo e recurso quando forem velhos e enfermos. E' incontestavel que os habitos de reflexão, que são inseparaveis do gosto da leitura, ajudam e favorecem o espirito de ordem e bom procedimento, nos que a ella se dedicam, ao passo que na ignorancia e na falta de educação é que rezide a fonte da miseria, da desordem, dos crimes e dos vicios.

E assim como a instrucção amplia indefinidamente o horisonte das sciencias, das artes, da civilização, da moral e da propria liberdade, a ignorancia, que é a companheira da anarchia e da demagogia, torna-se a origem principal da estagnação politica, moral e industrial do povo. E enquanto o homem permanecer victima fatal d'essa ignorancia, que quebranta e esterilisa a sua actividade, a escravidão não se extinguirá da terra; porque não sabendo elle aproveitar os elementos de vida que possui não póde ter a força de character, a independencia, a liberdade de acção e por conseguinte a plenitude de sua existencia. Alem disso é a ferocidade ingênita que existe no fundo das naturezas incultas, que auxilia os planos tenebrosos dos Catilinas e Marats que lhes satisfaçam as suas humildes e egoisticas ambições.

Foi sem duvida pela falta de instrucção que não se sustentaram as famosas republicas da antiguidade.

Assim o Estado sem comprometter ou embaraçar os seus fins, não póde deixar que tantos paes menosprezem a instrução dos filhos, collocando-os na classe dos irracionaes, e augmentando, alem disso, cada vez mais o numero dos mendigos, dos vagabundos e dos criminosos.

Não ha desculpa rasoavel que possa defender os paes do verdadeiro homicidio moral que commettem, privando os seus filhos do saudavel alimento da instrucção primaria, tão indispensavel como o pão quotidiano. Hoje a instrucção obrigatoria é um dos dogmas que a consciencia geral tem estabelecido, e apesar dos inimigos acerrimos da obrigação esco-

lar que se esforcem por tolher-lhe a marcha, a idéa retardada e comprimida váo contudo desenvolvendo-se á custo e triumphando lentamente.

N'este pónto ouçamos a voz auctorizada de M. Leveleye. « Na Europa os paizes, que conseguem levar a instrucção a todas as classes sociaes são os que tem estatuido a obrigação escolar. Aquelles que recuaram diante d'esses meios não realisaram as suas vistas, máo grado os esforços perseverantes dos poderes publicos e os subsidios, sempre crescentes, do seu ensino primario.

Para se ver a vantagem do systema coercetivo basta comparar a instrucção entre os paizes que acceitaram e aquelles que a repelliram. Lançai a vista para a Inglaterra, para a Suecia, para a França e para a Prussia, para a Belgica e para a Suissa; em toda a parte vereis o mesmo resultado. De um lado a ignorancia é indissipavel d'outro a instrucção está geralmente espalhada. Na França em consequencia da irregularidade de frequencia escolar, um terço da população é completamente illetrada. Na Prussia quasi todos os milicianos sabem lêr e a instrucção das mulheres não deve ser inferior a dos homens, porque o numero das meninas que vão á escola é tão grande como o dos alumnos do outro sexo. »

E é pela mesma razão que D. Antonio Costa, fallando sobre a instrucção popular expende algumas verdades que parecem ter bastante analogia com o estado actual da nossa instrucção publica. « Por fatalidade, diz elle, além das leis da instrucção primaria serem actualmente insufficientes muitos dos seus principios não se tem chegado a applicar, como entre outros o ensino obrigatorio. Isto sem que o espirito publico se aterre diante da ignorancia popular. »

Quando o eminente pedagogista Girard assumiu a direcção das escolas de Friburgo, na Suissa, que tanto floresceu e tão salutar transformação operou na mocidade do seu tempo, o primeiro cuidado do illustre sacerdote foi adoptar a instrucção obrigatoria, e para conseguir a applicação rigorosa de tão regenerador principio, teve de luctar não só com a indolencia e apathia d'uma população habituada á inercia e esta-

gnação, como ainda mais com as intrigas sem fim movidas pelo obscurantismo tradicional d'aquelles que, considerando o povo como instrumento cego dos seus caprichos, e dos seus interesses, temião que com os progressos da instrucção popular tornada obrigatoria, viessem a faltar braços para as suas fabricas e officinas. Triumphando sempre dos seus inimigos Girard que tanto contribuiu com as suas luzes, para a grande causa da educação da mocidade dizia :

« Para o povo que em toda a parte é a mesma cousa, a instrucção é um insigne beneficio, e todavia é preciso um pouco de violencia para lh'o fazer acceitar. » Cousin que collaborou com M. Guizot na elaboração da celebre reforma de instrucção primaria de 1833 em França, fez ouvir as seguintes palavras á respeito do ensino obrigatorio, questão de que ainda no seu tempo poucos espiritos se preocupavam.

« Eu não conheço paiz algum onde floresça a instrucção popular sem ser por meio da instrucção obrigatoria. »

Em conclusão diremos, se a instrucção é uma necessidade e mesmo uma obrigação social, deve ella ser obrigatoria para todas as creanças, assim como o é para a sociedade.

S. Paulo 28 de Maio de 1898

ANALIA FRANCO.

## 13 DE MAIO

Nos gloriosos, fastos de nossa historia, meninas, a data de 13 de Maio veio desfazer para sempre os ultimos restos do denso nevoeiro que pesava sobre o nosso caro Brazil.

Essa data gloriosa iniciou a completa extincção da macula mais hedionda que um povo pôde ter em si; a escravidão. Esses homens sujeitos perpetuamente a uma vontade estranha e muitas vezes oppressora, estavam privados da soberania do seu pensamento, da dignidade dos seus affectos, sem direito algum ao producto do seu tra-

balho, martyrisados quasi sempre pelo latego coriscante não ousando sequer queixar-se da implacabilidade do seu destino, aviltados pelo seu estado servil e pelos vilipendios mais affrontosos.

Essa detestavel instituição que legitimava o aviltamento d'uma parte da humanidade condemnada á qualidade de cousas, destituida de razão e dignidade, não actuou somente sobre os servos, contribuiu muito para a perversão dos sentimentos dos senhores, que eram impellidos por um impulso irresistivel aos vicios mais degradantes, desenvolvendo-se-lhes alem disso o instincto de crueldade e as inclinações altivas, orgulhosas e egoisticas, generalizando assim a desenfreada ambição de dominar.

Quereis meninas um quadro desenhado com côres mais vivas sobre o que era a escravidão desde os mais remotos tempos?

« O escravo! diz um distincto orador; que negra existencia a sua! parecia uma sombra coalhada, uma escoria vivente. Não tendo de homem mais que o feitio, o ferro que lhe queimava o corpo, queimava-lhe tambem a alma. Posto nos extremos lindes sociaes sem conhecer pae nem mãe, nem esposa, que o console, sem filhos que chame seus, sem familia a que volva os olhos e até sem Deus em que firme a esperança, impellido ao trabalho como animal de carga, ou trancado no ergastulo como rez no açongue, escabello de todos os poderes, parte de todas as guerras e victima de todos os tyranos, com a pelle sempre afistulada pelo azorrague e o coração sempre anavalhado pela infamia! ah! o escravo só era feliz quando dormia e sonhava que era livre, só era livre no dia da sua morte! Isso porém ainda não é tudo. Nos embrenhando no labyrintho d'esses tempos barbaros em que a intimidação permanente effectuada por leis atrozes, restricta e rigorosamente applicadas, os mantinha na sujeição completa da vontade, os historiadores nos dizem que ordenava-se a morte do escravo, só pela novidade de vér morrer um vivente, ou para estudar os arrancos da agonia.

Os pintores abriam os escravos em vida para modelos palpitantes das ancias. Os medicos principiando por Herofilo, o afamado fundador da anatomia, dissecava os escravos vivos para examinar ao natural os phenomenos anatomicos. Com o intento de engordar as feras nas quintas de recreio, atirava-se com elles para dentro das jaulas. O mau humor de uma matrona deixava exanime nos braços do açoitador a serva mais valida só porque a ordem de suspender o martyrio lhe interrompia a leitura d'um romance da moda.

Em summa o quadro completo dos horrores da escravidão não ha penna que se atreva a descrevel-o fielmente. Com o lento volver dos seculos, operou-se uma salutar transformação. Dos confins da Galileia appareceu um homem sobrenatural, um homem divino, que vibrando fortemente todas as cordas sensiveis da humanidade pela imaginação e pela magia do sentimento arrebatava e domina as turbas. E' elle quem desfecha um tremendo e profundo golpe sobre essa impia instituição, porque proclamando que todos os homens eram irmãos e iguaes perante Deus, promoveu Christo a maior de todas as rehabilitações, a do homem escravo, para o homem social. E' verdade, porem, que só o lento influxo da civilização fortalecido pelo Evangelho é que foi suavizando a sorte dos servos.

Em seguida nas cadeiras magistraes, na tribuna, nos livros, nos jornaes, em todos os paizes, em todas as linguas vozes eloquentes clamaram fortemente contra o crime da escravidão, tornando-se irresistivel a propaganda que conseguiu abolil-a e aniquilal-a em todas as nações do mundo civilizado.

As ideas progressivas e os sentimentos philantropicos que sempre tiveram echo no coração dos brasileiros, suscitaram por toda a parte acerrimos defensores da liberdade dos escravos, esses homens illustres, ligaram-se em espirito por uma paixão commum, a da justiça e da humanidade. Ainda está esta na memoria de todos os triumphos d'essa santa crusada que conseguiu proclamar no dia 13 de Maio de 1888 a emancipação definitiva e radical dos escravos no Brazil.

Todos sabem quaes os heroes que com tanto dispendio de talento e coragem se consagraram á nobre lucta do bem. Os seus nomes gloriosos ainda estão vivamente impressos, nos corações dos amigos da humanidade, destacando-se em o nosso Estado o prestigioso nome do preeminente chefe do abolicionismo paulista o Snr. Dr. Antonio Bento de Souza e Castro a quem sinceramente felicitamos, por ter tido a ventura de assistir ao primeiro decenio, da grandiosa obra que lhe deu incontestado direito a uma das mais brilhantes glorificações, nas paginas da nossa historia.

S. Paulo 13 de Maio de 1898.

ANALIA FRANCO.

## SALVE!

Salve, Marial Mãe de Deus bendita!  
Dos peccadores doce Mãe tambem!  
Em Vós o pobre, tem sustento e abrigo,  
Em Vós o triste, grato allivio tem!

No mar da vida procelloso irado,  
Vós sois ao nauta salvação, bonança!  
Quando perdido, já sem rumo ou norte,  
A Vos recorre com fervor e esperança!

Quem nas angustias de que a vida é cheia,  
Não teve allivio não sentio conforto...  
Se em Vosso seio maternal buscou  
Quebrado alento quasi extincto e morto?

Ai do que em lances d'agonia extrema  
De Vós se esquece, ó refugio santo!  
Esse perece, que não ha quem possa!  
Manter-lhe a vida diluida em pranto!...

Vós sois na terra, dos mortaes o amparo!  
No mar a estrella que aos perdidos guia!  
No céu o anjo que por todos roga.  
Porque de todos Vós sois a Mãe, Marial!...

Salve, mil vezes, Mãe de Deus bendita!  
Dos peccadores doce Mãe tambem!  
Em Vós minh' alma confiada espera,  
Eterno goso do Supremo Bem...

MARIA CÂNDIDA PEREIRA DE VASCONCELLOS.

## A ARREPENDIDA

Simão, um dos mais poderosos fidalgos de Naim, tinha convidado Jesus a jantar, assim como os nobres, os sabios e toda a litteratura.

Reinava animada conversação na sala do jantar. De repente ouve-se rumor estranho. Vê-se entrar um vulto na vastissima sala, e cresce o espanto geral quando todos os olhos fitos no vulto reconhecem a grande peccadora. A estatua da afflicção a caminhar! Vinha ainda mais bella que do costume aquella mulher, mas trasia a formosura cortada por um traço de sentimento. As faces transparentes de livides, traduziam a turbação de uma alma, que tinha padecido muito. Os cabellos, longos, cobrindo-a em redor, caiam-lhe soltos, como querendo roubar ás vistas de todos a mulher, que sabiam tão peccadora.

Envolve-a singela tunica sem outro adorno. Vem pallida. Arqueja-lhe o peito como se a alma quizesse precipitar-se d'elle. De olhos baixos, de fronte pendida. Naquelle rosto apparece estampado um sentimento estranho até ali aos homens a expiação pela dor.

Traz nas mãos o mais rico vaso alabastrino, cheio de aromaticos licores.

Caminha até ao Redemptor no meio do pasmo geral de quantos conheciam aquella dama. Cae-lhe aos pés, debulhada em lagrimas. Com as mesmas lagrimas lh'os lava; beija-lh'os, e sobre elles esparge os aromas que levava. Os gemidos não lhe consentem pronunciar uma palavra, e ali fica prostrada aos pés de Jesus a grande criminosa de Naim, reduzida a um tal estado pelo arrependimento.

Não cessava aquella mulhor de chorar, emquanto Simão, o dono da casa segredava ao convidado, seu visinho.

« Se este homem fosse realmente um propheta, adivinharia que é uma peccadora e repellil-a-ia. Ao que Jesus retorquiu: — Simão, dize-me, se um credor perdoasse as

dividas a um que lhe devesse cincoenta dinheiros e outro que lhe devesse quinhentos; qual d'estes dous devedores ficaria mais reconhecido ao credor, e o amaria mais d'alli em diante? — O que lhe devesse quinhentos dinheiros, tornou Simão. — « Respondeste com acerto, disse-lhe Jesus; voltando-se para a criminosa, sem lhe fazer a minima reprehensão, sem lhe exprobar o seu anterior comportamento pegando-lhe docemente no braço, diz-lhe com o sorriso da maior bondade: — Levanta-te mulher todos os teus delictos te são perdoados, porque o teu coração está cheio de amor. Vae-te em paz. »

O mundo, representado ali pela philosophia dos sabios, pedia para a criminosa o desprezo e o castigo, A lei de Jesus perdoava o delicto e regenerava a alma.

A Magdalena saiu. Ia de olhos no chão, mas levava sobre a fronte a corôa da regeneração moral. Não saia d'alli uma mulher. Saia, sob aquelle symbolo, a humanidade remida pelo merito proprio, e a sociedade reformada pelo christianismo. Se aniquilassem a criminosa, ella só representaria a depravação. Que bens produziria aquelle rigor? Declaram-n'a remida pelo arrependimento, e o que succede? Vae d'alli vender os bens, dota com elles os pobres, faz-se modesta; quando os discipulos abandonam o mestre na perigosa noite, colloca-se á frente das mulheres, acompanha o desamparado aos tribunaes, segue-o ao calvario, vae tapetando com lagrimas aquella rua immensa da agonia, abraça-se á cruz, unge-o no tumulo, visita o sepulchro, e fica symbolizando para as idades futuras a constancia na fé. A pena de morte vingava o crime simplesmente. A misericordia fazia rebentar do crime uma vida proveitosa.

D. ANTONIO COSTA.

### INTUIÇÃO MORAL

Ha duas cousas, disia o philosopho Kant, cuja magestade nos enche de admiração e de respeito: « é o céu estrelado sobre nossas cabeças, e a lei do dever gravada no fundo

dos nossos corações. » Conduzi uma noite alguns dos vossos alumnos, de mais idade e mais reflectidos, até fóra da cidade, na hora em que s'extinguem os ruidos dos trabalhos da vida, e fazei-lhes erguer os olhos para o céu recamado de estrellas. Elles nunca o viram talvez. E jamais pensaram n'esses mundos innumerados e no eterno movimento do universo. Despertai-lhes estas novas idéas, e fazei-lhes apparecer esse espectáculo do infinito, á cuja vista prostraram-se os primeiros pastores da Asia, e diante o qual estremecia, como elles o genio de Paschal. Abri-lhes os olhos a esse céu cheio de planetas, que todas as noites nos recorda o que somos em face da immensidade do universo.

Isto é uma lição de cousas. — Não sabeis a astronomia? — Não importa!

Não se trata de sciencia, trata-se de transmittir á alma d'essas creanças alguma coisa de que sentis. Eu não sei o que lhes direis, mas tenho certeza, do modo como vos haveis de exprimir, e isto é o mais importante; sei tambem como elles vos hão de ouvir, e que por muito tempo pensarão ainda no que lhes dissesteis, e a partir d'esse dia sereis para esses alumnos, alguma coisa mais que um professor de orthographia ou de calculo.

Quanto á magestade do dever e da consciencia de que nos fallá Kant, será preciso vos dizer com que poder de intuição podeis lhes fazer comprehender, contemplar, admirar e adorar?

A cada hora da classe, ou mesmo fóra de todas as classes, vos é indispensavel o dever de dar a intuição de que ha de mais nobre na natureza humana.

Julgais por ventura que esta parte das vossas obrigações, pertence a uma ordem secundaria? Não, por certo. Talvez receeis que ella vos leve para mais longe, fazendo-vos sahir do vosso papel! Quanto a mim, não tenho o menor receio e nem poderei jamais admittir que um professor sahia de sua esphera, quando dá o melhor de sua alma na educação das faculdades moraes e religiosas das creanças, que tanto como as outras, tem necessidade do serem cultivadas.

Não admittirei nunca que se diga que a sua tarefa está concluída com o ultimo livro que elle fecha, ou com a ultima lição que dá aos alumnos.

E' fóra de duvida que quando se toca n'este ponto assaz delicado as difficuldades são grandes e numerosas.

Ha circumstancias de relações, prejuizos, desconfianças e diversos obstaculos que é preciso saber vencer. A maior difficuldade ainda, é poder collocar-se n'este terreno, na altura em que é preciso estar; para fallar sempre dignamente sobre as grandes verdades, e poder apresentar ás creanças com toda a precisão a imagem do ideal moral, gravando-a nos corações juvenis. Este ideal, podem julgar-o demais para a instrução popular; entretanto se é superfluo; ou, se é um luxo, é o mais necessario de todos, é o unico do qual a democracia não pode prescindir sem perigo. Ha um meio que podeis seguir sem receio de vos desviar.

Em todas as questões moraes e sociaes tudo o que é intuitivo vos compete e faz parte da educação popular.

Nas questões delicadas que confinam com a religião e a politica n'estas grandes noções moraes, fundamentos da educação do homem e do cidadão ha duas partes que é preciso distinguir. Uma que é tão velha como a humanidade, innata em todos os corações, ancora de todas as consciencias, inseparavel da humanidade e por si mesma clara e evidente a todo o ser humano; está no dominio da intuição.

Ha uma outra que é o resultado do estudo da reflexão, da discussão e da sciencia: contem verdades não menos respeitaveis sem duvida, mas não tão brilhantes, nem tão simples e tão accessiveis a todas as intelligencias. Esta parte sujeita a todas as controversias e ás paixões, que em todo caso exige estudos especiaes longos e profundos não pertence ao ensino popular: n'essa não deveis tocar. Mas a outra pertence-vos e vossos alumnos a reclamam.

Muitos pretendem que se vos devem interdizer estas questões reservadas. Mas respondi-lhes que não são questões e sim verdades supremas, indispensaveis a todos os nossos filhos.

As creanças religiosas podem variar, como as opiniões politicas, porem não muda a intuição do infinito e do divino a perfeição moral, e eterna justiça e a dedicação; e também a intuição d'este grande sentimento, que jamais se soube definir, e que por isso mesmo é mais forte talvez: — o amor da patria. Oh! que se não interdiga tão santas cousas á instrução do povo! Não se deve fazer do professor apenas uma machina de ensinar, um coração neutro, um espirito futil e timido, um ser nullo para o Estado, que tema deixar surprehender uma lagrima nos olhos quando falla da sua religião, e um estremecimento de emoção na voz quando falla da sua patria.

Entre as multiplas obrigações dos que se dedicam ao magisterio, as quaes seria ocioso ennumerar por serem assaz conhecidas, uma das mais essenciaes é impedir que a instrução do povo não se materialise e não se avilte.

Não é só um direito é um dever illuminar-lhes o espirito, assim como a intelligencia, e não deixar de parte no ensino nenhuma d'essas verdades supremas que vivificam e fortalecem a alma. Se a isto renunciardes deixareis mutilada e incompleta a educação da mocidade.

Trad.

S. Paulo 26 de Maio de 1898.

ANALLA FRANCO.

## EDUCAÇÃO MATERNAL

No intuito de prestar um pequeno contingente á maes que desveladamente preocupam-se da educação das suas filhas, vamos traduzir algumas criteriosas idéas de Mme. Alq as quaes nos parecem uteis para auxiliar-as na sagrada tarefa que por Deus lhes foi imposta.

Se bem que não apoiemos *in totum* o modo de pensar da illustre educadora, nem por isso podemos deixar de approvar as suas judiciosas observações relativamente ao assumpto de que tratamos.

Segundo a sua opinião, a mulher seja qual for a classe social a que pertença, deve ser instruída, saber todas as prendas domésticas e aprender uma profissão que lhe possa garantir a existência no caso de necessidade, e para esse fim estabeleço em resumo os limites desses reconhecimentos conforme a posição de fortuna de cada uma.

Em primeiro lugar trata da classe media, a qual sendo a mais numerosa, é aquella em que a mulher occupando-se dos affazeres domesticos, tem mais tempo para cultivar o seu espirito.

No geral, entre nós, em que consiste o que se chama uma boa educação? Ensina-se como principios solidos de virtude a assistir machinalmente os officios religiosos, a inclinar-se levemente ante as pessoas conhecidas, e em seguida a se fazer obedecer pelos famulos, sob pretexto de bem governar a sua casa, constangendo-se sempre na sociedade, afim de affectar uma senhora de grande tom.

No collegio aprende apenas algumas linguas estrangeiras quasi sempre ignorando a sua propria, alguns trechos ruidosos no piano, algumas noções de desenho, e todos os trabalhos de agulha mais em voga, ficando com isto os paes, plenamente satisfeitos, como se a mulher não tivesse outro destino no mundo senão brilhar e reinar, sem lembrarem-se das tristes vicissitudes de que é tão cheia a vida humana.

Esta especie de educação quasi no geral é partilha da rica e da pobre, com a differença porém que á primera ha mais esmero quanto á parte artistica inoculando-se-lhe ao mesmo tempo uma grande dose de vaidade e de desprezo ao proximo, de modo que recostada nos coxins avelludados da sua carruagem, julga-se um ente superior á especie humana que vegeta em torno della.

Esta educação não apresenta senão uma superficie polida e resvaladia, para aquella que se acha collocada n'uma elevada posição. E, com effeito ella nada lhe offerece que a ampare e fortaleça no meio do vazio absoluto que se faz em torno de si. Verdade é que muitas vezes nos achamos entre estes dous dilemmas: entre a mulher sabia que se torna

pedante e ridicula, e a mulher ignorante e frivola, incapaz de ser uma digna companheira do seu esposo, um guia para os seus filhos e o apoio de si mesma.

Comtudo entre os dous extremos ha, sempre um justo meio.

E' esse o que eu aconselho; visto que com o auxilio d'uma instrução seria e reflectida a mulher pode ser iniciada em todos os estudos que pertencem aos homens, para os poder comprehender e escutar-os com praser, e ainda mais para saber soffrer as adversidades e ajudar os seus a suportal-as.

Não é porém para as sciencias abstractas que se deve dirigir a sua cabeça já um tanto exaltada e impressionavel.

A mulher deve ser instruída, mas não sabia.

A erudição; diz não sei que grande moralista, dá a mulher ainda mesmo a mais amavel uma apparencia por vezes real de philosophia varonil que desagrada e faz afastar-se d'ella.

Em summa a instrução como todos os bens, deve ser dispensada com sobriedade, prudencia e discernimento. Todavia a mulher que vive n'uma esphera social elevada, mais que nenhuma outra deve receber uma instrução profunda: a esta é permitido mesmo ser sabia, visto que é a ella sobretudo que convem preservar da ociosidade, que a tornaria completamente frivola e nulla.

Não se podendo estimular-a ao trabalho para manter-lhe a existencia, cumpre ao menos fazel-a trabalhar para adquirir a gloria; á todo o custo é preciso impor-lhe um fim a que deva attingir, apontar-lhe alguma cousa de mais serio na vida, que vestir-se, fazer visitas e receber-as.

A' todo o custo e indispensavel encher o vacuo que deixariam o seu bem estar material e a satisfação de todos os seus desejos, vacuo que seria logo preenchido por caprichos desordenados, por irritações sem motivo, e enfim « pelo spleen ».

ANALIA FRANCO.

## NOITE DE LUAR

O espaço, límpido e mudo  
Abre o azul das noites bellas  
Como um docel de velludo  
Pregado pelas estrellas

Na sombra mysteriosa  
Alveja a pallida cor  
Das mimosas cor de rosa  
E das magnolias em flor

Ouve-se, doce e sombria  
Nas harmonias nocturnas  
Susurrar ao longe o rio  
Vasando as rápidas urnas.

Um sylpho ethereo, subtil,  
Voa no parque deserto  
E agita a flora d'abril  
Como um thuribolo aberto.

Ao fundo, um vago zumbido  
Paira n'amplidão dos campos.....  
Sob um cedro adormecido  
Volteiam os pyrillamos.

A espessura irriquieta  
Da murmurosa ramada  
Esconde um rouxinol, poeta  
Que canta uma serenada

E pelos lagos trementes  
Onde dorme o nenuphar  
As phalenas indolentes  
Vogam na luz do luar.

DANIELLA.

## O NOSSO DESTINO

Meninas, Deus, suprema rasão soberana, sabedoria tudo fez na vida universal! Cada cousa tem seu destino, cada ser tem seu fim no mundo regido pela Providencia. Mineræes vegetaes, animaes tem seu destino na jerarchia da natureza

e para ahi propõe consoante o fim que lhes é visivelmente designado. Nós temos um fim, Deus não nos creou para o nada e nem tão somente para a terra, onde não ha nada fixo; nem determinado; onde tudo, é transitorio e fugitivo, onde todas as esperanças se frustram e os desejos mentem, onde não ha nada que satisfaça a melhor porção do nosso ser; onde o tempo nos constrange e a necessidade nos tyrannisa, onde em vãos esforços nos debatemos, onde finalmente ha um acabar que não pôde ser o nosso destino.

Em summa, como diz Puchesi, a immortalidade é a consequencia da criação o complemento da obra de Deus, a completa realisação do intuito divino. E' preciso, minhas meninas, que dirijaes sempre os vossos pensamentos para a outra vida, porque a vida terrona é apenas a preparação.

Não penseis pois que esta vida é tudo e por isso não percaes a causa essencial. Não vos esqueçais de Deus e dos sublimes preceitos de sua santa religião.

Deus que so amercie de nós e nos aponte o meio de fazermos convergir para elle tudó o que occupa o nosso espirito.

N. N.

UMA VIDA MODELO *Kana*

II

A proporção que a ménina ia crescendo desenvolvia-se-lhe com todas as raras perfeições do espirito, essa graça encantadora cheia de languidez, que constitue a belleza do typo syriaco, e nada era comparavel á formosura da sua infancia na sua divina expontaneidade, nos ingenuos raptos de alegria. Os paes cheios de jubilo, viam o divino desabrochar d'aquella filha estremecida, que era a alegria e o enlevo de sua alma.

Quando completou trez annos e dous mezes de idade, partiram de Nazareth para Jerusalem. São Joaquim e S. Anna, acompanhados de alguns parentes, levando nos braços a preciosa offerta que tinham promettido consagrar ao serviço de Deus. Transpondo a torrente de Ciron entre Nazareth e o Carmello, seguiram para Jerusalem entregando a menina ao sacerdote que estava de semana no Templo e se encaminharam com elle para o lugar onde estava situado o collegio no qual se educavam as meninas nobres da tribu de Judá e de Levi até chegarem á idade do matrimonio.

Os virtuosos paes entre tristés e satisfeitos derramando copiosas lagrimas confiaram-n'a aos cuidados dos sacerdotes que sahiram para recebêl-os. Ao apartarem-se d'aquella que era toda a sua alegria na terra, apertaram-n'a diversas vezes nos braços banhando-a de lagrimas e retiraram-se para a sua modesta vivenda roaguados e saudosos.

O ministro da Lei, isto é, o summo sacerdote que devia entregal-a ao cuidado das mestras, sentiu-se commovido e admirado da rara belleza que irradiava do gentil semblante d'essa encantadora creança, a qual confiou ao especial cuidado de S. Anna a prophetisa, que era a directora do estabelecimento. A vida da incomparavel menina, que era designada no collegio por Maria de Nazareth, desenvolvia-se com aquella franca ingenuidade peculiar ás outras meninas de sua idade. Entretanto a docilidade do seu character, a graciosa delicadeza de sua natureza excepcional e os bellos exemplos das sublimes virtudes de amor para com Deus e caridade ao proximo, causariam a mais viva admiração, se não fora providencial designio de Deus. Assim vendo-a alegre e riso-nha no meio das suas collegas a brincar no vasto jardim do collegio, ninguem poderia descobrir o ineffavel encanto das virtudes que a aureolavam, desprendendo esplendores desconhecidos; parecia que tudo n'ella era perfeitamente natural e simples. Com que alegria não via ella por entre o bando riso-nho das meninas de sua idade o despontar d'aurora inundando de luz os picos escavados das montanhas do Libano, então cobertas de virentes cedros; e o sol radioso que

lhe illuminava a vida, tão cheia de puros e ridentes sonhos! Quantas vezes alli, no jardim, quando a chuva humedecia a terra e dava mais viço ás plantas, não iria ella brincar com as suas companheiras, sacudindo os ramos das arvores e fazendo cahir sobre ellas as gottas d'agua como perolas de orvalho? Aquellas creanças de apparencia jovial, bocca riso-nha e com uma cor de rosa nas faces mimosas, saltitavam em volta de Maria de Nazareth, que era todo o seu envelo, sorvendo soffregas as gottas da lymph'a que lhes perlavam as vestes, respirando com delicias uma atmospher'a saturada das mais suaves fragancias.

Entretanto com quanto se mostrasse affavel e cariciosa para com todas, especialmente com as mais pobres, vivia no mundo sem attentar muito em cousa alguma, como se sua alma absorta n'um sonho de belleza summa, se sentisse distanciada da terra. A sua sensibilidade delicada, que tão accessivel a fazia ás alheias dores, o seu modo particular de vér e de sentir, na continua aspiração d'essa perfeição intangivel, a que a natureza humana não é dado attingir, imprimiram-lhe no semblante uma vaga e doce melancolia.

Quantas vezes do terraço do collegio não teria alongado o seu olhar meigo e suavissimo para aquelle céu aberto e radioso, para aquellas azuladas cadeias de montanhas da Palestina, com o espirito bem distante talvez das profundezas da realidade mundana e excruciante, a pensar n'uma outra existencia cheia de beatitude, n'uma alvorada serena perfumada de aromas paradisiacos? ... Quando contava ainda poucos annos de idade, perdeu o seu caro pae, S. Joaquim que adormeceu no seio de Abrahão, fallecendo avauçado em annos na sua modesta vivenda de Nazareth.

Ao completar os onze annos a virtuosa menina soffreu ainda outro golpe não menos cruel para o seu affectuosissimo coração, que foi o fallecimento de sua idolatrada mãe. As reminiscencias saudosas d'aquelles felizes tempos da infancia, se apresentavam agora mais vividas entercaladas com os piedosos e santos preceitos da Lei de Moysés, que a sua carinhosa mãe soubera infiltrar-lhe n'alma. Essas recorda-

ções constituíam o thesouro do seu coração e o encanto e consolo mais puro de sua alma intristecida pela dolorosa perda de tão santa e estremecida mãe.

A superioridade incontestada da Maria de Nazareth, que por suas virtudes e extrema docilidade, grangeara o affecto e estima não só das suas professoras, como de muitas das suas collegas, excitaram contra ella os ciúmes e a inveja de algumas meninas mal intencionadas, as quaes tornaram-se-lhe hostis, tratandô-a sempre com o mais cruel desdem. A sua alma terna e delicada affrontava silenciosa e sublime todos os transeos d'aquelle martyrio que os rasgos de sua heroica resignação dia a dia parecia fazer redobrar de intensidade. A affectuosa meiguice com a qual se esmerava em tratar as mesmas que a opprimiam, longe de abrandal-as, acerbava mais a violencia dos odios. Por fim obcecadas pela inveja e endurecidas pelo orgulho, assentaram em desenfrear as perseguições contra ella, e levantaram clamores e queixas, que chegaram aos ouvidos dos sacerdotes e das mestras.

ANALIA FRANCO.

(continua)

## A FILHA ADOPTIVA

Ainda não faz muito tempo que se via a pouca distancia da cidade do Paraiso em Minas, uma modesta casinha toda em ruinas, habitada por uma parda velhinha quasi paralytica. Esta pobre mulher lembrava-se sempre com as lagrimas nos olhos das pessoas que outr' ora com ella alli residiam.

A historia d'essa virtuosa familia conservava-se com uma saudosa recordação na lembrança dos habitantes da antiga villa do Paraiso e a velhinha, que chamava-se Marianna, gostava de repetil-a a todos aquelles que manifestavam interesse em ouvil-a.

Havia muitos annos que um pobre lavrador vivia com sua mulher e uma unica filha de 15 annos n'uma pequena casa ao sopé da collina onde é hoje o cemiterio da cidade. João Gualberto, assim se chamava elle, e sua mulher Eudoxia. Ambos muito tementes a Deus, tinham educado sua filha Anezia nos salutaes preceitos da religião, desenvolvendo-lhes todas as bellas qualidades do coração.

Eudoxia desvelava-se em germinar no coração de sua querida filha, todos os bons sentimentos de que ella era dotada, e sobre tudo a caridade a mais bella das virtudes christãs.

Quasi sempre ia com ella e os dous escravos que tinha, visitar um pobre velho solitario habitante d'uma pequena chacara toda ladeada de laranjeiras e outras arvores fructíferas, que elle plantara com as suas proprias mãos.

Todas aquellas arvores crescerão e formaram alamedas sombrias nas quaes os raios ardentes do sol mal ousavam espreitar.

Esse veneravel ancão chamava-se Gustavo e era padrinho de Anezia. Quando a afilhada alli chegava o bom velho parecia esquecer as suas tristezas, as suas recordações porque a sua vista causava-lhe uma verdadeira alegria. — Olha, minha querida Anezia, dizia-lhe elle, quando eu deixar de existir esta casinha que me viu nascer com o pomar e os terrenos que a circulam serão teus.

Bem sei que os meus dias estão contados. Quando estas arvores tornarem a dar flores, já não serei mais deste mundo.

Anezia com os olhos humidos de pranto lhe respondia entristecida.

— Ah! meu querido padrinho por piedade não me falle assim!

O bom velho ao vel-a chorar se commovia e procurava distrahil-a contando-lhe alguma historia agradavel que lhe fizesse voltar a alegria no seu bello semblante.

(Continua)

s, cami-  
nde phy-  
atavel e  
ANALIA FRANCO.